OCUPAÇÃO INGLESA DA REGIÃO BRASILEIRA DO PIRARA, 1835-1842

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen Renê com a orientação do autor, tendo por fundos as cores do Brasil e margens em azul turquesa, cor da Arma de Engenharia, a qual o autor integra desde 1953.

OCUPAÇÃO INGLESA DA REGIÃO BRASILEIRA DO PIRARA, 1835-1842

Os ingleses chegaram à Guiana Inglesa em 1781, depois de a conquistarem aos holandeses.

Em 1810, pela primeira vez, subiram o rio Essequibo, sendo detidos por um destacamento militar português do Forte São Joaquim, que forçou os ingleses a voltarem para a margem esquerda do rio Rapumani.

Os ingleses, representados por missionários evangélicos, formaram no Pirara um pequeno núcleo, aumentado por índios contratados e por exilados do Pará, favoráveis à idéia de não-independência do Brasil. E formaram o que chamaram **Forte de Nova Guiné**, de onde foram expulsos por contingentes militares brasileiros.

Em 1827, quando o Brasil enfrentava a Guerra da Cisplatina (1825-28), desfalcado de três divisões que retornaram a Portugal com a nossa Independência, e se refazia das lutas para a consolidação da Independência e do combate à Confederação do Equador, em 1824, o Governador da Guiana Inglesa aproveitou para contestar os limites Brasil x Guiana Inglesa.

Em 1837, quando o Brasil enfrentava a **Balaiada no Maranhão**, a **Cabanagem no Pará** e a **Farroupilha no RGS**, o Lord Palmerston promoveu a missão Schoburgk “de reconhecer as montanhas que dividiam as bacias do Amazonas e Essequibo, dando continuidade a reconhecimentos realizados em 1835 por conta da Royal Geographic Society“.

Mais tarde, ao contrário de dois relatórios anteriores, afirmou que o Forte de São Joaquim havia sido sempre considerado o limite do Brasil com a Guiana Inglesa. Aí teve início a manobra espoliadora do Brasil da planície do Pirara.

Em junho de 1838, estabeleceu-se no Pirara, então brasileiro, com uma missão, o reverendo inglês Thomas Youd.

Em fevereiro do ano seguinte, o Capitão Leal, comandante do Forte São Joaquim, forçou o Reverendo Youd a retirar-se da região em litígio.

Esta ação provocou reação dos ingleses, que comunicaram ao Brasil terem encarregado Schoburgk “de delimitar as fronteiras Brasil x Guiana Inglesa“ e ao governo da Guiana ”para se opor a toda a usurpação sobre o Pirara ou sobre o território até agora ocupado por tribos independentes“. Ou seja, os índios macuxis, para ali atraídos pelos ingleses.

O Pirara foi ocupado pelo missionário brasileiro, frei José dos Santos Inocentes, que foi intimado a abandonar o Pirara por um oficial inglês, e o território brasileiro limítrofe foi ocupado por “índios independentes”.

O Brasil, sob a Regência, e enfrentando lutas internas, ingenuamente concordou em retirar do Pirara seu destacamento militar e seus delegados, assim como, também, dos territórios ocupados por “tribos independentes“, reconhecendo assim, em caráter provisório, a neutralidade dos territórios citados.

Estabeleceu como condição: “Que os índios permaneçam ali independentes do Brasil e Inglaterra e na posse exclusiva do terreno, até a definição dos limites contestados entre o Brasil e Inglaterra”. O Brasil cometeu um equívoco diplomático ao concordar com a tese de “tribos independentes”.

Mas aí veio a manobra de esbulho ao Brasil, liderada por Schoburgk em fevereiro de 1842, quando iam acesas e vivas as revoluções Farroupilha, no Rio Grande do Sul, a Liberal em São Paulo e depois a de Minas Gerais, que roubavam a atenção do Governo Imperial.
Com a proteção de um destacamento militar inglês, Schoburgk chegou ao Pirara e colocou os marcos fronteiriços, sem esperar por uma decisão sobre a área em litígio. A Inglaterra contestava uma área de 54.687 km2.

Em 1888, protestou junto à Rainha Victória o General Dionísio Cerqueira, como Ministro das Relações Exteriores, contra decisão do Tribunal Anglo-Venezuelano, que decidiu traçar os limites entre os dois países por território brasileiro não contestado. Protesto renovado no ano seguinte.

Em 1891, na época da renúncia do Presidente Marechal Deodoro, forçada por uma revolta, a Inglaterra reduziu a área a menos da metade, ou seja, 25.687 km2.

Desta área, o Brasil renunciou a cerca de 3/5, ou 15.087 km2, ao aceitar, em 1904, o laudo arbitral do Rei Vittório Emmanuel, da Itália. Com este final, o Brasil perdeu o acesso ao rio Essequibo através do rio Rapunami e, conseqüentemente, ao Mar das Antilhas, e a Inglaterra passou a desfrutar de acesso à Bacia Amazônica pelo Pirara, descendo o rio Tacucú, afluente do rio Branco. O limite do Brasil no rio Rapunami recuou para o rio Mahú.

Joaquim Nabuco foi encarregado de defender o Brasil. A solução, que foi julgada injusta e que passou a História como Questão do Pirara, foi aceita pelo Brasil como fidelidade aos princípios de respeito às decisões de arbitramento internacional.

Schoburgk foi premiado por seus serviços à Inglaterra com o título de Sir.

A retirada do Pirara do destacamento do Forte São Joaquim, que a guarnecia, possibilitou a presença na área de faiscadores de diamantes, o que serviria de argumento à Inglaterra paraalegar sua soberania sobre a área.

Em 1975, em viagem como aluno da Escola Nacional de Informações, então subordinada à Presidência da República, ouvimos exposição do Comandante Militar da Amazônia, General Bethlem, que em território brasileiro, ao leste de Airão, fora encontrada uma tribo falando inglês. Então alertamos pelo precedente ali ocorrido com a perda da planície do Pirara.

Foi informado, na ocasião, que na fronteira Brasil x Guiana Inglesa, por onde havia se infiltrado esta tribo falando inglês, fora colocado um Pelotão de Fronteira.

Estudou este episódio o acadêmico da AHIMTB Cel João Ribeiro da Silva, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 162(411)159/161, Abr/Jun2001, na qual indicou alguns outros trabalhos, entre eles o do General Mário Travassos, patrono da Delegacia da AHIMTB em Campinas-SP e o do General Antônio de Souza Junior, patrono de cadeira na AHIMTB.

Currículo cultural sintético do Eng Cláudio Moreira Bento

Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da História do Exército perfil Militar de um Povo. Foi

instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes,Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980 onde criou em sala espacial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 150 obras (Álbuns, livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Publicou: Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Tendo recebido de seu comandante como prêmio para sua Companhia uma caminhonete Aero Willys por haver sua companhia haver batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaiense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico

Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaiense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio De Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes e foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2024 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão! Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com. Toda a sua obra historiográfica está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência.

O Cel Bento cursou o Primário no Colégio N.S Aparecida em Canguçu –RS 1938-1944, o Ginásio no Ginásio Gonzaga em Pelotas 1945-1948, o Científico nos Ginásios Gonzaga e Pelotense em Pelotas e na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre até 1952. Cursou a Academia Militar das Agulhas Negras 1953-15 fev 1955. Cursou a ESAO em 1964 e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército 1967-1969, onde, a noite, cursou no

DASP, os cursos de Relações Públicas e Organização e Métodos. Serviu nas seguinte unidades como soldado e cabo: na 3ª Cia de Comunicações em Pelotas em 1950, como aluno da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre 1951-1952, como cadete da AMAN 1953-15 fev 1955, como oficial na 6ª Companhia de Comunicações em São Leopoldo RS 1955-1957, no 1ª Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves-RS 1957-1959, na 3ª Companhia de Comunicações em Cachoeira do Sul 1960-1961, no 3 º Batalhão de Engenharia de Combate e Cachoeira do Sul 1961, na ESAO como Capitão e 1964, no 1ª Batalhão Ferroviário 1964-1966, na ECEME como aluno 1967-1969. Como oficial de Estado-Maior, no 4º Exército no Recife 1970-1971; no Estado - Maior do Exército, na sua Comissão Histórica com Exército do EME 1971-1973, no Departamento de Engenharia e Comunicações DEC 1974. Como aluno na Escola Nacional de Informações em Brasilia,1976; no 2º Exército em São Paulo 1976-1977, na Academia Militar das Agulhas Negras como instrutor de História Militar 1978-1980, no Comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá MG 1981-1982, na 1ª Região Militar no Rio de Janeiro 1983-1984, na Direção do Arquivo Histórico do Exército 1985-1990, quando fui transferido para a Reserva com mais de 40 anos de efetivo serviço. Em 1994, foi contratado pela 3ª Região Militar como PTTC para escrever a História do Exército no Rio Grande do Sul e conseguiu escrever 21 livros, dos quais 3 foram reeditados. Situação de PTTC que perdurou por 25 anos, a ter sido cancelado a renovação de seu contrato. Proposta do comandante da AMAN pelo DECEX em 2019, mas tendo continuado contratado como PTTC o pintor Cel Estigarríbia. E o cancelamento de seu contrato resultou em ser obrigado a extinguir a a FAHIMTB, por falta de recursos para continuar a produção de outros importantes trabalhos programados, em razão da FHE-POUPEX não mais apoiar os trabalhos. E, como solução, fundou independentes 5 AHIMTBs, até então subordinadas a FAHIMTB. Foi lamentável para a produção historiográfica do Exército.

Currículo cultural de Camila Karen Renê

Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **Relação de diplomas, medalhas, troféus e etc no apartamento do Cel Bento em Resende-RJ**, disponível em Livros e Plaquetas – Cel Bento, no meu site www.ahimtb.org.br.

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios.Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da História de 21º GAC e seus ancestrais com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em informações culturais terefa facilitada pela dgiitailização os originais do General Paulo Sergio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”